

**CONTRACORRENTE ENTREVISTA**  
**ENTREVISTA COM GABRIELE CORNELLI**

Por Carlos Renato R. de Jesus

Entrevista com o prof. Dr. Gabriele Cornelli, ex-presidente da SBEC, dirigente da Cátedra Unesco Archaí, professor adjunto da UnB.

111

O prof. Gabriele é professor de Filosofia Antiga (Associado I) do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutorado em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), pela Università degli Studi di Napoli, Federico II (Itália) e pela Universidade de Oxford (Reino Unido), é Coordenador do Programa de Mestrado em Metafísica e Orientador do Mestrado e Doutorado em Bioética da UnB. Já foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Bioética na mesma Universidade, assim como do Núcleo de Estudos Clássicos (NEC). Foi coordenador do GT-Platão e Platonismo da ANPOF (2008-14). Editor da revista Archai ([www.archai.unb.br/revista](http://www.archai.unb.br/revista)) e da revista Atlantís ([www.impactum.uc.pt](http://www.impactum.uc.pt)) dirige a Cátedra UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental ([www.archai.unb.br](http://www.archai.unb.br)). É Editor de quatro Coleções: a coleção Archai (Annablume, SP), a coleção Cátedra (Paulus, SP) e a coleção Filosofia e Tradição (UNESCO) e a prestigiosa coleção Brill's Plato Studies (Brill). É também Membro do Conselho dos Diretores Gerais da coleção Classica Digitalia (Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume Classica), membro do Conselho Editorial da Editora Annablume (SP), da coleção "Temi metafisici e problemi del pensiero antico. Studi e testi", coleção fundada por Giovanni Reale (Ed. Vita e Pensiero, Milano) e da revista Méthexis (Brill). Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (2012-13) e da Sociedade Brasileira de Platonistas (2008-2010). É também sócio honorário da Società Italiana di Storia della Filosofia Antica (2013-), membro-fundador da International Association for Presocratic Studies e Presidente da International Plato Society (2013-2016 - [platosociety.org](http://platosociety.org)). É orientador dos Doutoramentos em Filosofia e em Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra (Portugal) e professor Visitante do Departamento de Ancient Studies da University of Stellenbosch (África do Sul). Seu último livro autoral, *In Search of Pythagoreanism*, foi publicado pela editora De Gruyter (Boston/Berlin, 2013).

**Renato Rosário:** Prof. Cornelli, é uma honra poder entrevistá-lo e conhecer um pouco mais do seu trabalho de pesquisa e de sua visão sobre o ensino e a divulgação dos estudos clássicos no Brasil e no mundo. Realmente, seu currículo impressiona. O senhor tem atividades em diversos países, além do Brasil. Destas, com qual o senhor se envolve mais, onde e por quê? Onde seu trabalho tem mais repercussão?

**Gabriele Cornelli:** Caro Carlos Renato, agradeço antes de mais nada seu interesse por meu trabalho de pesquisa. Esse tipo de entrevista é sempre muito interessante, pois é uma ocasião

ímpar para uma breve retrospectiva da pesquisa e uma possibilidade de rever os caminhos percorridos até aqui. Nos últimos anos tenho percebido, de maneira especial, a importância de investirmos, enquanto classicistas brasileiros, em duas frentes complementares: mostrarmos nosso trabalho internacionalmente e consolidarmos uma área de pesquisa em estudos clássicos em língua portuguesa. A primeira frente inclui necessariamente percorrermos diversos idiomas e centros de pesquisa internacionais (acabei de voltar de um ano sabático em Oxford, por exemplo) e jogarmos, por assim dizer, com armas iguais na publicação de nossas pesquisas nos melhores veículos internacionais, na participação dos grandes eventos científicos da área, etc. Atualmente sou Presidente da prestigiosa *International Plato Society*. Somente o fato de o presidente escolhido ter sido um *brasileiro* mostra o respeito e o interesse da comunidade internacional por nosso trabalho. A segunda frente é algo somente aparentemente mais simples. De fato, ela envolve o estreitamento de uma colaboração com os classicistas portugueses que, historicamente, por motivos que não me cabe aqui aprofundar, não foi levada a termo como deveria. Neste sentido, creio, a parceira que a Cátedra UNESCO Archai ([www.archai.unb.br](http://www.archai.unb.br)) mantém com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra emerge como um projeto de estabelecimento de um espaço de colaboração a 360 graus, desde a formação de novos pesquisadores até o compartilhamento de projetos editoriais. Cito, neste sentido, a mais nova filha desta colaboração, a revista *Atlantís* (<http://impactum-journals.uc.pt/index.php/atlantis>), que quer reunir bimestralmente as resenhas de obras sobre estudos clássicos em língua portuguesa. A lusofonia, portanto, e a internacionalização para além (mas não sem) ela, parece-me o trabalho que mais tem repercutido.

**RR:** Sabemos que, no Brasil, ainda falta traduzir muita coisa dos clássicos gregos e romanos. A que o senhor acha que isso se deve? O que demonstraria um paralelo estabelecido com outros países, onde muito mais obras (em alguns países, quase todas, pelo menos as principais) já estão traduzidas?

**GC:** De fato, creio que o mais importante desafio para os estudos clássicos brasileiros, e lusófonos mais em geral, é aquele de construirmos as estantes das próximas gerações. Isso inclui certamente o conjunto das traduções dos textos clássicos mais importantes. Mas não me limitaria a isso. Precisamos de textos de introdução geral a um tema ou um autor, de compêndios, de antologias, de dicionários. Enfim, de todo o conjunto de obras que permitem ao novo pesquisador começar um firme e sólido percurso de aproximação aos estudos clássicos.

**RR:** Como foi a experiência de presidir por dois anos a SBEC? Certamente teve contato com distintas realidades dos estudos clássicos no Brasil. Como o senhor resumiria a situação dos estudos clássicos no Brasil?

**GC:** Ser Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos nos anos de 2011 a 2013 foi realmente uma grandíssima honra e uma responsabilidade infinita. Tive a oportunidade de conhecer melhor a realidade dos estudos clássicos no Brasil (e mais para lá um pouco) e verificar quanto o Brasil é rico e promissor nesta área. O evento que organizamos em Brasília em julho de 2013 foi a prova disso. Em nossa gestão criamos o *Prêmio Eudoro de Sousa de melhor Tese e Dissertação em estudos clássicos*, fizemos um trabalho de reorganização editorial de nossa revista *Classica*, criamos uma coleção de monografias da SBEC. Ao mesmo tempo verifiquei que há muito o que fazer. Tanto do ponto de vista da consolidação dos procedimentos administrativos da SBEC como do ponto de vista dela ser um interlocutor ativo e presente junto às agências de pesquisa e às outras sociedades científicas nacionais.

**RR:** O que tem sido feito, ou o que pode ser feito para alavancar os estudos clássicos nos lugares fora dos grandes centros do Brasil, já que apenas nestes o ensino de latim e grego ocorre com regularidade?

**GC:** A interiorização do Brasil é um dado de fato e um processo, do ponto de vista das Universidades, de certa forma irreversível. Há um florescer de disciplinas, centros de pesquisa, programas de pós-graduação e de curso de graduação com os estudos clássicos em seu cerne em todos os cantos do País. Provavelmente, o grande desafio é aquele de utilizarmos as novas tecnologias de comunicação e didática à distância para não deixarmos estes professores e alunos isolados. A criação de uma rede de classicistas por todos o País, conectada via novas tecnologias, creio possa ser o grande desafio das próximas gerações. O Núcleo de Estudos Clássicos da UnB, que coordeno, contribuiu com isso ao propor um Curso de Especialização em Estudos Clássicos EaD: na primeira turma formamos quase 70 alunos e estamos neste momento verificando as condições de criarmos uma segunda turma.

**RR:** Como o senhor avalia a quantidade/qualidade das publicações dos temas clássicos no Brasil hoje? Hoje, o mercado editorial estaria mais “aberto” a novos materiais da área? Estamos “carentes” de bibliografia em Língua Portuguesa sobre o mundo antigo?

**GC:** Há certamente uma carência, mas está sendo a cada ano mais rapidamente suprida por projetos individuais (penso às traduções do amigo Jaa Torrano) e institucionais (penso

especialmente à biblioteca Classica Digitalia da Universidade de Coimbra). Estamos no caminho certo, penso.

**RR:** Na sua análise, como as novas tecnologias (*internet*, novos *softwares* educativos, *e-books*, aplicativos, etc.) e a proliferação de cursos à distância podem influenciar na sedimentação do ensino de latim e grego no Brasil? Podemos dizer que elas (as novas tecnologias educacionais) são (se é que são) uma realidade subaproveitada pela nossa área? (A pergunta leva em consideração, principalmente, a realidade de lugares mais afastados dos grandes centros acadêmicos, como Manaus, por exemplo, onde não é simples encontrar um curso continuado e completo das línguas clássicas.)

**GC:** Creio já ter respondido a esta questão anteriormente. Sim, as novas tecnologias didáticas e de comunicação são certamente uma parte central da solução. A Universidade Aberta do Brasil/CAPES poderia ser mais fortemente utilizada por nossos classicistas como lugar de formação.

**RR:** Por que os clássicos são atuais? Os classicistas sabem disso?

**GC:** Acredito que sim, que cada um de nós, classicistas, saiba quão atual seja a pesquisa que está desenvolvendo. Houve no passado um estudo antiquário do passado, não há como negar isso, de fato. Mas o que vejo andando pelo mundo dos classicistas é gente se fazendo perguntas novas sobre os textos de sempre. Todas elas, de certa forma, originadas de um atenção sobre as grandes questões de nossa atualidade. Penso especialmente ao âmbito dos estudos de gêneros ou de uma nova ética ecológica. Falta, quiçá, em todos nós um compromisso maior na divulgação desta relevância dos clássicos para os grandes problemas contemporâneos. Eu mesmo, por fazer, me surpreendo com o interesse que nossas pesquisas suscitam em formadores de opinião. A *Cátedra UNESCO Archai sobre as origens do pensamento ocidental* ([www.archai.unb.br](http://www.archai.unb.br)), que coordeno, foi criada exatamente ao perceber o interesse que um órgão internacional como a UNESCO demonstrava por nosso trabalho interdisciplinar sobre o pensamento antigo.